

**IDENTIDADE E ENUNCIÇÃO
NA LINGUAGEM DA CRIANÇA:
O PAPEL DOS PRONOMES PESSOAIS
E DAS CONDUTAS EXPLICATIVAS**

Alessandra Jacqueline Vieira (UNESP)
alessandrajacquelinevieira@yahoo.com.br

Alessandra Del Ré (UNESP)
aledelre@fclar.unesp.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos mostrar a relação entre as condutas explicativas e os pronomes pessoais, produzidos em situação de socialização em meio familiar, e que contribuem para a construção de um sujeito enunciador. Ao estudar tal relação, partindo de elementos linguístico-discursivos, pretendemos obter mais informações sobre o desenvolvimento da "consciência de soi" infantil e sobre os processos pelos quais passa a criança antes de se constituir enquanto sujeito/falante. Partimos da ideia de que a criança constrói progressivamente sua identidade e adquire gradativamente consciência de si mesma, e que, desde muito cedo, consegue estabelecer relações e fornecer explicações aos seus interlocutores. Para tanto, sua relação com o outro é fundamental nesse processo. Clermont et alii (2003) afirma que "é preciso que a criança depreenda de maneira "correta" (isto é em congruência com a expectativa do adulto) a natureza de seu papel na interação e na natureza da prestação [por exemplo, uma explicação] que deve fornecer". Entendemos que esse conhecimento contribui efetivamente para seu desenvolvimento linguístico e cognitivo e para a ampliação de seu pensamento crítico e sua aplicação no discurso. Dessa forma, acreditamos que ao explicar utilizando o pronome pessoal eu a criança está adquirindo, conseqüentemente, maior conhecimento de sua própria individualidade e da realidade que a circunda. A fim de observar essas questões, apresentaremos os resultados parciais aos quais chegamos em nossa pesquisa, a partir da análise dos dados de André (20-33 meses), filmado em situações cotidianas de interação com seus pais. Os dados da criança que serão analisados pertencem a uma pesquisa intitulada *Diversité de La socialisation langagière selon les cultures: place et role de l'explication*,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

desenvolvida em cooperação com a França (Marie- Thérèse Vasseur, da Université du Maine e Christiane Préneron, do CNRS), de julho de 2004 a dezembro de 2006. Nossa intenção é estudar, dentro das condutas explicativas, a utilização dos pronomes por crianças de 20 a 30 meses em contexto familiar, levando-se em consideração a relação estabelecida entre a criança e o interlocutor (pai, mãe), durante a produção *lingueira*. Para tanto, utilizaremos um *corpus* que consta do projeto de pesquisa intitulado *Diversité de la socialisation langagière selon les cultures: place et role de l'explication*, desenvolvido pelas professoras Silvia Dinucci Fernandes e Alessandra Del Ré em cooperação com a França, de julho de 2004 a dezembro de 2006.

1. Discussão e análise

Ao trabalharmos com aquisição da linguagem em crianças, devemos, de início, considerar o componente linguístico e sua relação com o extralinguístico, o suprasegmental, o gestual e o cognitivo. François (1989) refere-se à dicotomia "língua/fala" e "linguístico/lingueiro", ressaltando a especificidade do modo do discurso, em que o mais importante não é o que é dito, mas, sobretudo, a maneira de dizer. Além disso, no processo de aquisição da linguagem não se deve ignorar a questão da interação da criança com o outro. Bruner (1997) defende a importância da interação social, não apenas com o meio, mas, também, com o adulto (como a mãe ou o pai). Graças à relação dialógica que nela se estabelece, a criança vai se movimentando na língua. (LEMOS, 1999).

De acordo com o dicionário Houaiss (2004), "explicar" significa "1. tornar inteligível ou claro (aquilo que era obscuro ou ambíguo); 2. fazer entender, expor, explicar; 3. dar a conhecer a origem ou o motivo de; 4. dar explicação; 5. justificar, desculpar, dar razão de seus atos (ou de suas palavras)". Enfim, explicar é fazer o outro entender (considerando sempre o interlocutor), levando em conta seu conhecimento, a situação e o momento da enunciação. Para François (1988), o sentido da palavra "explicar" pode variar em função: a) do tipo de questão (por que..., como etc.); b) do tipo do objeto (pode-se responder à pergunta "o que quer dizer tal palavra?" com um exemplo, um sinônimo, etc.); c) do tipo de interlocutor (é diferente expli-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

car a um professor ou a alguém desprovido de conhecimento); d) do lugar da explicação no discurso (explicar pode ser o objeto principal ou pode aparecer durante a narração de um fato, por exemplo); e) da pessoa que explica (ela pode escolher o modo de explicar em função da situação, de suas preferências etc.).

Berthoud-Papandropoulou, Favre e Veneziano consideram o ato de explicação como um fenômeno interacional. Para os autores, esse ato implica, de um lado, a identificação do *explanandum*, isto é, a presença de um acontecimento a propósito do qual é preciso explicar “o porquê” a seu interlocutor que pede ou que se supõe precisar dessa explicação e, de outro, a presença do *explanans*, o que significa, a causa, a razão ou a justificativa desse acontecimento/ação (2003, p. 40).

Vejamos este fragmento no qual a criança encontra-se com 1;8 meses e interage com o pai e a mãe, durante o jantar.

A – ((derruba novamente a colher no chão))

M – ai ai ai ((com tom de reprovação))

A- O:O:O /SÁ:Ã:AO/ (chão)

M- quem jogou a colher no chão?

A- ((segura um de seus braços)) o baço: o o baço do André:éé

M- O braço do André? Que que tem no braço?

A- buaco

M – tem um buraco filho?

[

P- Buraco? Cadê o buraco? Mostra pro papai, mostra...Cadê o buraco no braço do André?

A- ((mostra o braço)) dueu...due:eu...

P- Doe, filho?Bateu a colher, foi?

A- ((fica olhando para o braço))

P- cê já sarou? Vamo passá pomadinha pra sarar?

A-((olha a colher no chão))

Pe – ((ri)) eu não consigo não interferir

A- cué cué:é no CHÃ:Ã:ÃO

P- Quem jogou no chão?

M. ((pega a colher e devolve a André))

A- ((ameaça jogar a colher novamente no chão))

M- Não, ã...ó..ó!

A- a mamãe...

P- É, né, não é pra jogar no chão...O André já comeu toda a pizza?

A- ((coloca o copo sobre o prato e tenta erguê-los para colocá-los na cabeça))

((não consegue, e bate o copo no prato sem parar, com força))

((segura o copo e mostra para a mãe))

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Observamos, na interação com os pais, uma possível tentativa da criança de eximir-se da culpa por ter jogado a colher no chão, ao afirmar que não foi ele quem a havia jogado, mas sim seu braço. Nesse recurso que suscita o humor, notamos que a criança, para explicar seu comportamento, faz uso dessa justificativa, buscando, talvez, escapar da repreensão dos pais.

De acordo com Melo, a explicação é “vista como uma conduta que se torna necessária por um contexto interativo e que, conseqüentemente, tem a necessidade de certas condições sociais para se produzir”. (2003, p. 105) Além disso, a explicação seria “um *move* interacional que se produz quando um dos interlocutores dá uma nova informação que faz referência a um objeto de atenção conjunta e, ao mesmo tempo, esclarece o que estava obscuro ou problemático no diálogo”. (MELO, 2003, p. 108).

Segundo Leitão e Banks-Leite (2006, p. 49), “as crianças não só são capazes de justificar posições desde muito cedo, como também esperam o mesmo da parte de outros e sabem que justificativas são elementos decisivos para que se possa “vencer” uma argumentação”. Além disso, de acordo com as autoras, a argumentação se dá por meio de oposições, embates, nos quais a criança defende ou trabalha sua opinião. (LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006, p. 50) É o que podemos observar neste fragmento, em que a criança, então com 30 meses (2;6 anos), explica ao observador o que deseja fazer com o cachorro amarelo que se encontra em suas mãos:

(O: Observador; A: criança)

O: Você vai dar comida pro cachorro amarelo? ((para A.))

A: nan é porque ele suja

O: Ham

A: Porque se ele pede comida e não é biscoito, não dó porque ele suja

O: Ham

A: Eu vou buscar um brinquedo

O: Ce vai busca um brinquedo, então vai.

Trabalhando com a sua realidade, a criança a transfere para as suas brincadeiras. Nesse caso, o objeto de atenção conjunta, o cachorro amarelo, reproduz a realidade da criança, que argumenta sua opinião ao interlocutor (explica o porquê de não lhe dar comida). Notamos, nesse sentido, que à medida que a criança adquire a capacidade de explicar e argumentar obtém, também, cada vez mais

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

consciência das situações e da realidade que a rodeia, além de descobrir gradualmente sua individualidade. Mas, de que forma podemos identificar a construção do sujeito nessas condutas explicativas?

Até se constituir dentro da linguagem dos adultos, a criança passa por processos de transformação em que faz uso da língua ao seu modo. Antes de se designar, quando ainda é um bebê, a criança é incentivada por sons murmurantes, depois por sons de conversas e por trocas com o adulto (como a mãe), até surgirem as primeiras palavras. Morgenstern (2006, p. 9) afirma que *“Les premiers mots apparaissent autour de 1 an (...) A partir de 1 an, l'enfant va marquer une certaine autonomisation en essayant de faire tout seul”*.³⁷

Os pronomes são ferramentas linguísticas utilizadas tardiamente pela criança. Segundo Issler (1997, p. 83), “uma criança com desenvolvimento normal leva cerca de três anos para adquirir esses pronomes e utilizá-los adequadamente em todas as situações nas quais eles são requeridos em sua língua materna. Morgenstern (2006, p. 9) declara que o uso dos pronomes requer um *“travail cognitif, de la mécanique langagière, et de l'élaboration psychique”*.³⁸

A diferença entre o uso do *eu* e do nome não se deve apenas às capacidades mentais da criança, mas deve ser atribuída, também, à linguagem que os adultos endereçam a ela. Sully (apud Morgenstern, 2006) declara que o fato da criança falar de si na terceira pessoa deve-se à percepção da criança quando o adulto a designa pelo nome ou pela terceira pessoa, pois ela, por meio de um processo psíquico, imita. É por meio dessa operação de “imitação” que, mais tarde, a criança começa a utilizar o *eu* na primeira pessoa como fazem os adultos.

Para Piaget (1926), a criança antes de usar o *eu* não compreende a representação que existe dela mesma. Dessa maneira, ela utiliza o nome, que é a designação utilizada pelos adultos para se referir a si mesma. Issler (1997) afirma que é por volta dos sete meses da criança que a mãe passa a considerar o bebê como sujeito que parti-

³⁷ “as primeiras palavras aparecem por volta de um ano (...) A partir de 1 ano a criança vai marcar uma certa autonomização, tentando fazer tudo sozinha” (tradução nossa).

³⁸ “trabalho cognitivo, mecânica *linguagreira* e elaboração psíquica” (tradução nossa)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

cipa da ação; “por essa época, o uso de pronomes de 3ª pessoa [utilizados pela mãe] diminui e aumenta o uso dos pronomes convencionais de 2ª pessoa – “tu”; o uso de 1ª pessoa (falar “eu” ao bebê”) sofre certas restrições e, praticamente, inexistente aos 0;10” (ISSLER, 1997, p. 85), pois a mãe passa a falar diretamente com a criança e não somente pela criança.

O fragmento abaixo, no qual a criança encontra-se com 1;11 ano, ela fala de si na terceira pessoa, assim como os pais a designam, e explicita ao pai o que está em suas mãos:

(P: pai; A: criança; B: babá)

P - cadê o muque deixa eu vê o muque? ó esse muque tá fraco come mais um pouquinho pra ficar forte come filhõ

A - papai?

P - oi?

A - o macaquinho tá cu André

P - o macaquinho tá com o André mas o macaquinho falou pro André comer pra ver o André ficar forte come então

B - vamo comer pra ficar forte

Issler afirma que a partir de 1;6 ano observa-se na linguagem da criança os reflexos de sua estruturação psíquica, ou seja, ela começa a marcar na linguagem a separação do *EU-OUTRO* por meio da utilização de referências nominiais ao destinatário. Pouco depois é que ela passa a referir-se a si mesma na relação conversacional. (ISSLER, 1997, p. 103)

Segundo Issler “é um engano crer que o “eu” da criança pequena tem o mesmo significado que o do adulto. Para a criança pequena o “eu” parece estar preso de tal modo ao contexto do “aqui-e- agora” que não pode se deslocar no tempo – no passado e no futuro – o, nem no espaço – no espaço virtual criado pelo espelho” (1997, p. 104), diferentemente do adulto, que consegue estabelecer as relações nas quais o pronome *eu* está envolvido. Segundo a autora, isso se deve ao fato da criança estar se situando como indivíduo e ainda não ser “capaz de integrar todas as representações de si”. (ISSLER, 1997, p. 104)

Nesse sentido, observamos neste fragmento o posicionamento da criança que ainda está aprendendo a utilizar ‘a gramática dos adultos’. A criança (A: 23 meses) está almoçando com o pai e narra o que aconteceu na festa de sua amiga:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- (...)66. A - () um baão
67. P - então mastiga e engole to
68. A - () da Cataina tinha um baão
69. P - tinha um balão que que aconteceu no balão na festa da Catarina
70. A - itouu
71. P - estourou!... e o André que que fez?
72. A - **ficou** choando
73. P - ficou chorando mas depois ficou tudo bem, né? né?
74. A - o **André** () o baão
75. P - é? você quer voar no balão?
76. A - sim
77. P - mas esse balão é pequenininho você não cabe dentro
78. A - () baão
79. P - você não cabe aí dentro filhê... o balão é pequenininho esse aí
80. A - não é de voar
81. P - não é de voar esse aí
82. A - não é de voar esse
83. P - esse aí também não esse aí é um cachorrinho...né?
(...)
84. A - pou! pum! pum! ((brinca com um balão))
85. P - não vai estourar não... não ta bem cheio esse aí
86. A - () da Cataina itouu o baão
87. P - na festa da Cataina estourou o balão foi isso mesmo
88. A - **André ficou** choando
89. P - o André ficou chorando?
90. A - ()
91. P - mas depois ficou tudo bem né?
92. A. papai?
93. P - oi?
94. A - **vou voar no baão!**
95. P - cê quer voar no balão?
96. A - sim
97. P - mas esse balão é pequeno filho
98. A - não é de voar
99. P - não é de voar esse aí
100. A - vo itoar
101. P - não estoura não
102. A - pequenininho

Notamos que, para relatar um fato ocorrido em um período anterior, a criança recorre à memória e conta sua história na terceira pessoa, não se colocando como sujeito do discurso. Porém, a partir do turno 94, temos a criança marcando seu posicionamento de sujeito falante, fato este de grande importância para seu desenvolvimento cognitivo. Assim, ao retomar uma história acontecida no passado, a criança narra o ocorrido como se não fosse ela a participante do fato; contudo, ao expror sua vontade de voar no balão, ela se coloca como

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

indivíduo que produz e possui opinião, o que nos remete à construção de sua identidade (demonstrada pelo verbo conjugado “vou”).

Dizer *eu* e pronunciar seu nome não indicam, sozinhos, que a criança passou a se colocar na posição de sujeito falante. Demonstrar seus desejos, suas vontades, dizer não aos adultos, tudo isso representa, também, marcas de que a criança está tomando consciência de sua personalidade. “*C’est la distance entre l’enfant et sa propre conscience de lui-même qui se trouve marquée dans le langage, entre autres par le pronom je*”³⁹. (MORGENSTERN, 2006, p. 10)

A partir de todo o exposto, percebemos que com a tomada de consciência de si mesma a criança adquire também maior capacidade de argumentação e demonstra, cada vez mais, suas vontades e seus desejos. Dessa forma, ao explicar utilizando o pronome pessoal *eu* a criança está adquirindo, conseqüentemente, maior conhecimento de sua própria individualidade e da realidade que a circunda.

BIBLIOGRAFIA

BERTHOUD-PAPANDROPOULOU, I.; FAVRE, C.; VENEZIANO, E. Construção e reconstrução das condutas explicativas. In: FERNANDES, S.D. *Aquisição da linguagem: conceito, definição e explicação na criança*. Araraquara: Cultura Acadêmica – FCL/ Unesp, 2003. (Trilhas Linguísticas, 4).

BRUNER, J. *Le Développement de l’enfant: savoir faire, savoir dire*. 3. ed. Paris: PUF, 1991.

_____. *Comment les enfants apprennent à parler*. Paris: Retz, 2004.

FERNANDES, S. D. (Org.). *Aquisição da linguagem: conceito, definição e explicação na criança*. Araraquara: Cultura Acadêmica – FCL/ Unesp, 2003, n. 4 (Série trilhas linguísticas).

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

³⁹ “É a distância entre a criança e a consciência dela mesma que se encontra marcada na linguagem, entre outros, pelo pronome *eu*”. (tradução nossa)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

_____. O que nos indica a “linguagem da criança”: algumas considerações sobre a “linguagem”. In: DEL RÉ, A. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

HUDELOT, C.; PRENERON, C.; SALAZAR-ORVIG, A. Explications, distance et interlocution chez l'enfant de 2 à 4 ans. *CALaP*, n. 7/8, 1990.

ISSLER, Denise Silveira. A aquisição de ‘eu’ e ‘tu’ na relação mãe-criança: intersecções entre a Linguística e a Psicologia. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 32, nº 4, dezembro 1997.

LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.). Edição especial: Atas do III encontro nacional sobre aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 30, nº 4, p. 9-28, dezembro 1995.

LEEMAN, D. *Je* ou la première personne appréhendée d’un poin de vue phénoménologique. In: *Antoine Culioli Un homme dans le langage: originalité, diversité, ouverture*. Paris: Ophrys, 2005.

LEITÃO, S; BANKS-LEITE, L. Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens. In: DEL RÉ, A. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

De Lemos, C.T.G. *Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de aquisição da linguagem: parte II. Relatório científico (mimeo.)*, 1999.

_____. Sobre os pronomes pessoais na fala da criança. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 39, nº 3, p. 9-25, setembro, 2004.

MELO, L.E. Um gênero do discurso: A Explicação. In: FERNANDES, S.D. *Aquisição da Linguagem: conceito, definição e explicação na criança*. Araraquara: Cultura Acadêmica – FCL/ Unesp, 2003. (Trilhas Linguísticas, 4)

MORGENSTERN, A. *Un je en construction: gênese de l’auto-designation chez le juene enfant*. Paris: Ophrys, 2006.

MORGENSTERN, A; PRÉNERON, CHRISTIANE. La justification dans la négociation parent-enfant. *La médiation*. Presses Universitaires de Rouen, p. 329-339, 2004. Disponível em <http://anr-leonard.ens-lsh.fr/>. Acessado em 22/12/2008.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

PERRET-CLEMONT, A.N.; SCHUBAUER-LEONI, M. L.; GROSSEN, M. Contexto social do questionamento e modalidades de explicação. In: FERNANDES, S. D. *Aquisição da linguagem: conceito, definição e explicação na criança*. Araraquara: Cultura Acadêmica – FCL/ Unesp, p. 85-101, 2003, (Série trilhas linguísticas, 4.)

SCLIAR-CABRAL, Leonor; BORBA, Mercedes Terezinha de. Da forma não marcada ao sujeito da enunciação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n° 3, setembro 2001.

VENEZIANO, E. L'acquisition de connaissances pragmatiques: apprendre à expliquer, *Parole*, n. 9/10, p.1-28, 1999.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.